

Aríon e o golfinho

Notas sobre a construção de uma lenda

CRISTINA ABRANCHES GUERREIRO

Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
cguerreiro@fl.ul.pt

Θῶμα μέγιστον (um facto verdadeiramente espantoso) é a expressão com que Heródoto (I, 23-24) apresenta a providencial salvação do citaredo Aríon de Metimna. Ameaçado de morte pelos tripulantes da nau em que viajava para Corinto, após uma triunfal digressão pela Itália e pela Sicília, o músico pediu que o deixassem entoar um derradeiro hino e lançou-se às águas, disposto a perecer; um golfinho tomou-o, porém, no seu dorso, levando-o até ao cabo Ténaro.

Ao referir que Periandro, tirano de Corinto, foi testemunha deste episódio, o historiador enquadra-o nos limites cronológicos desse reinado: entre 627 e 587 a.C. Eusébio (*Ol.*, 40, 4) situa o evento no quarto ano da 40.^a Olimpíada (617 a.C.). Segundo a *Suda* (s.u. Ἀρίων), o *floruit* do citaredo coincidiu com a 38.^a olimpíada (628-625 a.C.). Solino (VII, 6) considera mais provável que a aventura do golfinho tenha decorrido na 29.^a Olimpíada, durante a qual Aríon se sagrou vencedor num concurso poético realizado na Sicília.

Heródoto (I, 23-24) filia o episódio na tradição de Corinto e de Lesbos: natural de Metimna, uma das cidades de Lesbos, foi em Corinto, na corte de Periandro, que o citaredo passou a maior parte da vida. Mas sublinha um argumento que parece conferir verosimilhança aos rumores da tradição: a existência de um pequeno ἀνάθημα de bronze no Ténaro, representando um homem sentado num golfinho – objecto que o próprio historiador teria visto e que se supunha ser um ex-voto de Aríon. A propósito de representações escultóricas de poetas famosos, Pausânias (IX, 30, 2) menciona a do citaredo de Metimna montado num golfinho, afirmando tratar-se de uma oferenda de bronze existente no Ténaro, que evoca o episódio narrado por Heródoto. À mesma estatueta alude Filóstrato (*Im.* I, 19, 6), como testemunho da filantropia dos cetáceos e da sua sensibilidade à música. Solino (VII, 6) declara ter visto no Ténaro o recinto sagrado (*fanum*) de Aríon e a figura de bronze esculpida em memória da sua salvação. Eliano (*Nat. Animal.*, XII, 45) transcreve o dístico gravado na base dessa oferenda e associa-lhe um hino de acção de graças em honra de Posídon, atribuído ao citaredo: um texto

apócrifo, que não deverá ser anterior ao século V a.C., em que o sujeito poético canta como “golfinhos amantes da música” o “conduziram à terra de Pélops, até ao Cabo Ténaro”, quando “vagueava pelo mar da Sicília, em virtude de homens astuciosos” o terem atirado (...) para as vagas purpúreas do mar”.

Considerado o mais exímio citaredo do seu tempo, é natural que o próprio Aríon tenha divulgado o episódio, para mostrar como Apolo, patrono das artes, lhe concedera auxílio, em situação de perigo. Testemunho do favor dos deuses¹, a providencial salvação *in extremis* aproximava o citaredo de míticas personagens. Entre as oferendas enviadas pelos Tarentinos a Delfos, Pausânias (X, 6, 8; 13, 10) alude a uma estátua representando o cadáver de Ópis, rei dos Japígios, e sobre ele dois heróis: Taras, epónimo de Tarento (filho de Posídon e de uma ninfa daquela região) e Falanto da Lacedemónia. Junto deste último, havia sido esculpido um golfinho, pois dizia-se que, antes de chegar à Itália, o herói naufragara no mar Criseu, escapando com vida graças a um delfim, que o levava para terra no seu dorso.

Numa das versões da lenda de Melicertes², Ino, sua mãe, desesperada por lhe ter causado a morte, despenhou-se de uma falésia com o cadáver do filho. Converteu-se então na deusa marinha Leucótea e o corpo de Melicertes foi levado por um golfinho até ao istmo de Corinto, onde Sísifo o enterrou e lhe prestou honras divinas sob o nome de Palémon. Segundo outra variante da história, ameaçada de morte pelo esposo, Ino atirou-se ao mar com o filho: um golfinho levou-os até Corinto - episódio imortalizado nas moedas da cidade. Perdendo a condição de simples mortais, Ino e Melicertes converteram-se em divindades marinhas. Pausânias (II, 1-3) afirma ter visto em território coríntio um altar de Melicertes, erigido no local onde o golfinho o deixara; acrescenta ainda (II, 1, 7-8) que no istmo de Corinto existia um templo de Posídon com uma imagem de ouro e marfim representando Palémon no dorso de um golfinho, ao lado do deus do mar e de Anfitrite.

A filantropia dos golfinhos era lendariamente associada ao facto de terem sido outrora homens, metamorfoseados por Dioniso³. Reza a tradição que este deus foi um dia raptado por piratas, que não se aperceberam da sua identidade. Quando em vão tentavam acorrentá-lo, o timoneiro reconheceu que estavam perante um ser divino, mas não conseguiu dissuadir os companheiros dos seus pérfidos planos. Encolerizado, Dioniso puniu os piratas, poupando apenas o fiel timoneiro. Revelou então a sua natureza por vários prodígios e metamorfoses, aterrando assim os homens, que se lançaram ao mar e se viram convertidos em golfinhos. Segundo outra variante da lenda⁴, Dioniso viajava para Naxo numa nau tripulada por marinheiros tirrenos, que decidiram

¹ Elementos fabulosos adornam a biografia de outros poetas, como testemunho do favor dos deuses. Reza a tradição que, vítima de uma quadrilha de ladrões, prestes a exalar o último suspiro, Íbico viu no céu um bando de grou e exclamou que eles vingariam a sua morte. Passado algum tempo, um dos assassinos do poeta avistou na cidade um bando dessas aves e não pôde deixar de comentar o facto, dizendo aos seus cúmplices: “Aqui estão os vingadores de Íbico”. Tais palavras suscitaram a curiosidade de terceiros, que procuraram saber a verdade acerca da morte do poeta. O crime foi assim desmascarado, os ladrões confessaram a sua culpa e sofreram a justa punição. Cf. *Suda*, s.u. Ἰβικός; Stat., *Silu.*, V, 3, 52; Plutarco., *Garr.*, 14; *Anth. Gr.*, VII, 745; J. M. EDMONDS, *Lyra Graeca*, London, William Heinemann, 1963-1967, vol. II, p. 80.

² Cf. SAGLIO, DAREMBERG, POTTIER, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, Hachette, 1963, s. u. “Ino Leucothéa”.

³ Luciano, *Dial. Mar.*, 8; Filóstrato Júnior., *Imag.*, I, 19, 6; Propércio, III, 17, 25-26; Séneca, *Oed.*, 457-466.

⁴ Ovídio, *Met.*, III, 564-686; Higino, *Fab.*, 134.

desviar a sua rota para a Ásia, para aí o venderem como escravo, injuriando o deus sem o reconhecerem, apesar das sensatas palavras do timoneiro Acetes. A ira divina culminou na metamorfose dos culpados, que se lançaram ao mar. Arrepêndidos, os piratas metamorfoseados ajudariam desde então os náufragos⁵.

Corroborando a história de Aríon, Eliano (*Nat. Animal.*, II, 6) refere que na ilha de Poroselene, próxima de Lesbos, um golfinho domesticado cresceu com um jovem que vivia perto do porto e acorria sempre que este o chamava pelo nome. Pausânias (III, 25, 7) declara ter presenciado nessa ilha as manifestações de gratidão de um delfim para com o rapaz que o salvara dos arpões dos pescadores, acrescentando que o animal o levava no dorso sempre que ele o chamava. Ao mesmo facto aludirá provavelmente Opiano (*Hal.*, V, 458-518), ao referir que a Eólia testemunhou a afeição de um golfinho por um jovem de uma ilha: quando o rapaz morreu, o cetáceo chorou a sua perda e nunca mais se acercou dos habitantes da ilha, levando-os a supor que terá sucumbido ao desgosto. Falando dos hábitos dos golfinhos, Opiano (*Hal.*, V, 448-452) relembra o célebre episódio de Aríon, associando-lhe (*Hal.*, V, 453-547) a história de outro delfim, que se apaixonou por um rapaz líbio que tocava flauta. Eliano (*Nat. Animal.*, VI, 15) refere ainda que em Alexandria, no reinado de Ptolemeu II Filadelfo (308-246 a.C.), um delfim se apaixonou por um belo jovem. Ao golfinho enamorado que suspira na margem sem querer regressar às águas, alude também um epigrama anónimo da *Antologia Grega* (*Anth. Gr.*, XI, 52).

A propósito da história de Aríon, Plutarco (*Mor.*, 984 d-e) refere que a Eólia foi cenário de uma aventura similar: quando, em obediência ao oráculo de Anfítrite, os Pentílidás decidiram sacrificar a filha de Esminteu (o primeiro colono de Lesbos), afogando-a no alto mar, Énalo, o noivo da jovem, decidiu lançar-se também às águas, sendo salvo por um cetáceo, que o levou até à ilha de Lesbos.

Eliano (*Nat. Animal.*, VI, 15) conta que um golfinho e um rapaz da cidade de Iasso (no sudoeste da costa da Cária) se tornaram inseparáveis companheiros até ao dia em que o jovem se feriu mortalmente na barbatana dorsal do cetáceo. Sem coragem de continuar a viver, o golfinho depôs o cadáver no areal e aí se deixou morrer. O povo de Iasso sepultou-os no mesmo túmulo (ornado com uma estátua representando um homem no dorso de um golfinho) e mandou cunhar em sua memória moedas de prata e bronze. A estas moedas alude Plutarco (*Mor.*, 984 e-f), explicando porém de forma distinta a morte das duas personagens: o rapaz perdeu a vida numa tempestade e o delfim deixou-se morrer no areal, por não o ter conseguido salvar. Plínio (*Nat. Hist.*, IX, 8, 27) e Solino (12, 10-12) aludem a este incidente, referindo que o jovem se chamava Hérmiás e que sulcava as águas no dorso do golfinho, quando a tempestade sobreveio.

⁵ Eliano (*Nat. Animal.*, II, 6), Filóstrato (*Im.*, I, 19, 6) e Solino (12, 6-12) observam que os golfinhos são sensíveis à música e afáveis para com os humanos. Plínio (*Nat. Hist.*, IX, 8, 24) relaciona essas características com o facto de brincarem e correrem atrás das naus. Ateneu (XIII, 606 d) enaltece a inteligência, bondade e gratidão dos golfinhos. Plutarco (*Mor.*, 984 d) alude à sua esperteza e ao modo como salvam vidas humanas e transportam cadáveres de náufragos. Segundo Estesícoro, Ulisses mandou gravar no escudo e no anel a figura de um golfinho, em memória do animal que salvou Telémaco de morrer afogado, levando-o para terra firme no seu dorso (J. M. EDMONDS, *Lyra Graeca*, London, William Heinemann, 1963-1967, vol. II, p. 66, frag. 71; cf. Plutarco, *Mor.*, 985 b). Diogo Bernardes retoma o tópico do golfinho salvador de vidas humanas, na écloga XIII, em que o pescador Meliso recorda “um caso desusado / (...) / digno, por ser d’amor, de ser contado” (vv. 83-85): com o pensamento absorto na amada Lília, cantando trovas à sua beleza e esquivaça, o jovem caiu do barco no alto mar, e “ali tivera fim a triste vida” (v. 99) se “um brando delfim” (v. 100) que o escutava o não tivesse socorrido e deposto, qual “amoroso nadador” (v. 111), no barco “que tão perto / esteve de ficar sem pescador” (vv. 112-113).

Acrescentam ainda que na cidade de Iasso outro cetáceo apaixonado por um rapaz da Babilônia tão impetuosamente seguiu até à praia o objecto dos seus amores que encahlhou no areal e aí morreu: interpretando a afeição do animal como sinal da vontade divina, Alexandre Magno investiu o jovem como sacerdote de Posídon na Babilônia.

Na Cária decorre também a história de Céranos de Mileto, narrada por Ateneu (606 e-f). Pouco depois de ter devolvido a liberdade a um golfinho prestes a ser morto por pescadores, foi graças a um golfinho que Céranos foi o único sobrevivente de um naufrágio. Quando, já velho, Céranos morreu, os familiares cremaram o seu cadáver junto ao mar e um grupo de delfínidos acercou-se da margem, parecendo vir assistir às cerimónias fúnebres. A miraculosa salvação de Céranos é apresentada por Eliano (*Nat. Animal.*, VIII, 3) como prova da gratidão dos golfinhos: foram os animais por ele resgatados das redes, que o salvaram do naufrágio entre Naxos e Paros. Plutarco (*Mor.*, 985 a-b) narra o mesmo episódio, especificando que o jovem foi levado para a ilha de Sícino, a sul de Paros, por um dos delfins que em Bizâncio libertara de uma rede de pesca⁶.

A existência de múltiplas histórias, alegadamente verídicas, acerca da filantropia dos golfinhos, levou Plínio (*Nat. Hist.*, IX, 8) a ponderar a verosimilhança da aventura do aedo de Metimna. Refere o naturalista que, no tempo de Augusto, próximo do lago Lucrino, na Câmpania, um golfinho era o melhor amigo de um rapaz de Baías (nas imediações de Putéolos): quando uma inesperada doença vitimou o jovem, o animal deixou de ser avistado, supondo-se que tivesse sucumbido de saudade e tristeza. Aulo Gélcio (VI, 8) narra a mesma história do golfinho de Putéolos e da sua afeição por um jovem chamado Jacinto: após a morte do rapaz, o cadáver do animal foi encontrado na margem por habitantes da região, que o reconheceram e o sepultaram no túmulo do seu amigo dilecto. Ao narrar a mesma história, Eliano (*Nat. Animal.*, VI, 15) observa que, “se Heródoto a conhecesse, ficaria decerto tão admirado como ficou ao saber o que sucedera a Aríon de Metimna”. Segundo Plínio (*Nat. Hist.*, IX, 8), a ocorrência teria sido registada por Mecenas, Fabiano e Flávio Álfio, figurando ainda em documentos assinados por outros indivíduos. O mesmo argumento aduz Solino (12, 7-8) a favor da veracidade do relato, afirmando que sem tais provas custaria a crer que um rapaz pudesse ter atraído um golfinho com migalhas de pão, domesticando-o a ponto de ele lhe ir comer à mão e de não resistir à sua morte.

Conta ainda Plínio (*Nat. Hist.*, IX, 8) que perto de Hipona, na costa de África, um dócil golfinho, alvo da admiração de todos, foi um dia perfumado pelo governador da província e evitou durante algum tempo o convívio com os humanos; quando reapareceu, tantos foram os altos dignitários que vieram contemplá-lo (e tão grande se tornou a despesa com a sua hospedagem) que os habitantes da cidade se viram obrigados a abater o animal que lhes granjeara fama. Numa carta a Canínio, Plínio o Moço (IX, 33) narra o mesmo episódio, explicando que o golfinho ficou célebre desde o dia em que se aproximou de um grupo de crianças e levou no dorso até à margem o mais audacioso dos pequenos nadadores. Na versão de Solino (12, 9), a história termina com

⁶ Aristóteles (*Hist. Animal.*, IX, 48) divulga outro curioso episódio ocorrido na Cária, por ocasião da captura de um golfinho nas redes de um pescador: um grupo de cetáceos aproximou-se da doca, despertando a piedade do pescador, que libertou o prisioneiro ferido. A mesma história é contada por Antígono de Carístio (WESTERMANN, *Paradoxographi Graeci*, p. 77, frag. 55). Trocando ἄλιεύς por βασιλιεύς, Plínio (*Nat. Hist.*, IX, 10, 33) refere que um golfinho foi capturado por um rei da Cária que, ao ver a aflição dos companheiros da vítima, logo ordenou a sua libertação. Eliano (*Nat. Animal.*, V, 6) conta que em Eno, cidade da Trácia, um golfinho foi capturado e ferido, mas logo os outros acorreram em seu auxílio, assustando os pescadores, que de imediato o soltaram.

o desaparecimento do cetáceo, afugentado pelas essências odoríferas com que o cônsul o presenteou.

A despeito de tão avultado número de histórias sobre a afabilidade dos golfinhos, a miraculosa salvação de Aríon figura em Hermógenes (*Prog.* 5, 28) como exemplo de facto inverosímil (“é inverosímil que Aríon tenha sentido vontade de cantar, vendo-se em tão desgraçada situação”) e de adínato (“é impossível que Aríon tenha sido salvo por um golfinho”). Ao dissertar sobre as técnicas de refutação, Prisciano (*De Praeexercit. Rhet.*, 5, 15) traduz os dois exemplos de Hermógenes: “incredibile est Arionem malis affectum uoluisse canere” e “impossibile erat Arionem a delphine seruari”.

Mas, como símbolo do providencial auxílio que os deuses consagram aos seus eleitos, a aventura do citaredo de Metimna narrada por Heródoto cedo terá adquirido um valor proverbial⁷. A propósito da dificuldade de debater certas questões filosóficas e da necessidade de encontrar sempre uma saída, Platão (*Rep.*, V, 453 d) alude à necessidade de nadar e de procurar a salvação, na esperança de que algum golfinho nos leve a bom porto, ou que surja alguma outra remota hipótese de salvação. Cícero (*Tusc.*, II, 27, 67) recorda a história de Aríon, para ilustrar a atitude de confiança que se impõe em situações adversas: se a um marinheiro ameaçado por piratas um deus sugerir que se lance ao mar, com a promessa de que um golfinho virá salvá-lo, como a Aríon de Metimna, esse mortal nada temerá; do mesmo modo, quando a dor nos atormenta a existência, deveremos confiar na força da nossa alma.

Propércio (II, 26, 17-18) sonha que a sua amada vagueia no mar e vê acorrer em seu auxílio o golfinho que outrora levava no dorso a lira de Aríon.

Ao mesmo episódio alude Estrabão (XIII, 2, 4 - C 618), a propósito da cidade de Metimna, pátria do citaredo.

Em dois epigramas de carácter moralizante sobre a aventura de Aríon, Bianor (*Anth. Gr.*, IX, 308; XVI, 276) sublinha a filantropia dos cetáceos, em contraste com a crueldade que muitos homens evidenciam.

Evocando o proverbial amor dos golfinhos pela música, Filipe de Tessalonica (*Anth. Gr.*, IX, 88) refere que eles sempre apreciaram as musas sem esperar recompensa, razão pela qual a história de Aríon não mente. Nas *Metamorfoses* de Apuleio (VI, 29), a princesa raptada pelos ladrões promete ao burro que, se ambos se salvarem, ele há-de figurar entre os antigos milagres, reforçando a credibilidade da história de Aríon.

A propósito da descrição de uma taça, adornada com a figura de um Cupido alado a tocar flauta sobre o dorso de um caprino, Marcial (VIII, 51, 15-16) alude à imagem do citaredo de Metimna, cavalgando o golfinho que o transportara alegremente sobre as águas, deleitado com a sua arte. Como testemunho do poder associado à música, Sílio Itálico (*Pun.*, XI, 440-448) alude à lira de Aríon, que o fez atravessar as águas, são e salvo. Clemente de Alexandria (*Protr.* I) enaltece a arte do citaredo, que lhe mereceu a fortuna de ser salvo da morte por um golfinho.

⁷ A passagem da suprema felicidade à desgraça, a instabilidade do destino, o dilema do homem perante a morte, a providência divina e a salvação miraculosa, tópicos centrais da aventura de Aríon, asseguraram-lhe uma pervivência que não se cingiu ao âmbito dos autores greco-latinos. Em 10 de Abril de 1714, estreou, na Académie Royale de Musique, uma ópera em cinco actos, intitulada *Arion*, com música de Jean-Baptiste Matho e libretto de Louis Fuzelier (cf. OSCAR GEORGE T. SONNECK, *Catalogue of Opera Librettos printed before 1800*, Washington, Government Printing Office, 1914, p. 143). No Romantismo alemão, *Arion* é o título de uma balada de August Wilhelm von Schlegel (composta por vinte e seis estrofes de sete versos) e de um poema (em quinze quadras) de Johann Ludwig Tieck.

Sublinhando a força da música, Díon Crisóstomo (XIX, 2; XXXII, 61) faz referência à prodigiosa salvação de Aríon. Numa alocução aos Coríntios, o orador (XXXVII, 1-4) narra o célebre episódio, enaltecendo o amor que os deuses manifestaram pelo músico e que o levou a consagrar no Ténaro um ex-voto. Após ter sido expulso da Bitínia, sua terra natal, Díon (XIX, 2) declara ter acedido a conversar com alguns cidadãos em Cízico, comentando que, tal como o citaredo, conseguiu salvar-se, por ter sensibilizado os adversários com o seu canto.

Exemplificando o valor de um episódio bem-humorado numa peça oratória, Quintiliano (*Inst. Or.*, VI, 3, 41-42) refere como Célio Rufo (jovem e famoso orador, contemporâneo de Cícero) rematou a história da disputa entre Décimo Lélíio e um colega sobre qual dos dois chegaria primeiro à sua província: não se sabia ao certo que tipo de embarcação fretara o último a alcançar a meta, mas dizia-se na Sicília que havia chegado no dorso de um golfinho, “como um segundo Aríon”. Idêntico recurso ao humor evidencia Claudiano (*In Eutrop.*, II, praef. 73-74), ao presumir que o cônsul Eutrópio se afogará perto de Chipre: em vão ele tentará chamar um golfinho para o conduzir à margem, uma vez que esses animais só levam *homens* no seu dorso.

Ao descrever a miraculosa salvação de Aríon, Plutarco (*Mor.*, 161 e) sublinha que o citaredo passou da inquietação à tranquilidade, não pensando no medo da morte nem no desejo de viver, inebriado pelo orgulho de ver recair sobre si a protecção divina, capaz de lhe granjear uma glória imortal.

Parafraseando a célebre aventura narrada por Heródoto, Aulo Gélio (XVI, 19) tece algumas considerações estéticas sobre o estilo elegante e simples do historiador grego que a imortalizou num relato vivo, fluente e bem estruturado. Idêntica admiração terá levado Frontão a reproduzir o mesmo passo das *Histórias*, como modelo de técnica narrativa⁸.

Luciano (*D. Mar.*, 8) põe na boca do golfinho o relato do episódio: ao escutar a conspiração dos piratas contra a vida do citaredo, o animal decidiu salvá-lo, deleitando-se, em troca, com o harmonioso som da sua música.

Na versão de Higino (*Fab.*, 194), a providencial salvação de Aríon converte-se em lenda etiológica, para explicar a origem de duas constelações. De regresso a Corinto, os escravos do citaredo e a tripulação da nau decidiram matá-lo, para se apoderarem das riquezas acumuladas na digressão pela Itália. Na iminência da morte, inspirado por Apolo, Aríon entoou um hino: atraídos pela melodia, diversos golfinhos rodearam a nau; um deles levou o músico até Corinto, e aí viria a sucumbir na margem, por não ter conseguido regressar ao mar. O rei mandou sepultar o animal e erguer um monumento em sua honra. Em seguida, interrogou os marinheiros sobre o paradeiro do citaredo: sobre o túmulo do golfinho, eles juraram que tinha morrido, pelo que foram crucificados como perjuros. Para imortalizar a arte de Aríon, Apolo colocou a cítara e o golfinho entre as constelações celestes.

Idêntica é a história narrada por Sérvio (*Comm. in Verg. Buc.*, VIII, 55-56), a propósito da expressão “inter delphinus Arion”. Decidido a salvar Aríon da morte planeada pelos marinheiros, Apolo apareceu-lhe em sonhos, para lhe sugerir que entoasse um hino. Confiante na visão onírica e na divina providência, o músico lançou-se ao mar e foi conduzido ao Ténaro por um dos delfins atraídos pela sua arte. Em memória da ocorrência, ofertou ao templo de Apolo uma imagem sua com o golfinho e a cítara.

⁸ C. R. HAINES, *The correspondence of Marcus Cornelius Fronto*, London, William Heinemann, 1962, vol. I, pp. 54-58 (Naber, p. 237).

O rei Periandro mandou crucificar os perversos marinheiros, e Apolo colocou entre os astros o instrumento que celebrizara o citaredo e o animal que lhe salvara a vida.

Num tratado de astronomia atribuído a Higino (*Astr. Poet.*, II, 17, 3), semelhante é a versão da lenda de Aríon narrada a propósito da constelação do hemisfério norte denominada *Delphinus*. Ao suspeitar que os seus escravos estavam dispostos a atirá-lo ao mar, para assim conquistarem liberdade e fortuna, o citaredo pediu-lhes tempo para um derradeiro canto e começou a carpir a morte. Ao som da música, a nau ficou rodeada de golfinhos, sobre os quais o músico se lançou, invocando o poder dos deuses. Enquanto um dos animais o levou no dorso até ao Ténaro, uma tempestade arrastou para o mesmo local os perversos escravos, a quem o amo mandou prender e infligir um pesado suplício. Em memória do evento, foi erigida no local uma estátua, representando Aríon no dorso do golfinho, e os antigos astrónomos viram no céu a imagem de um delfim.

À mesma constelação associa Ovídio (*Fast.*, II, 79-118) duas lendas etiológicas: o animal representado no firmamento poderá ser o emissário que Posídon enviou ao encontro da sua amada Anfitrite⁹, ou então o salvador de Aríon. Neste contexto, o poeta recorda a aventura do citaredo e o poder da sua música, aplaudida na Ausónia e na Sicília. Perante as armas dos marinheiros, sem temer a morte, ele entoou um hino e atirou-se ao mar: sentindo que um golfinho o tomava no dorso, pegou na cítara e deleitou as vagas em troca de tão inesperada viagem. Júpiter acolheu no firmamento o animal, ordenando que nove estrelas aí desenhasssem a sua silhueta.

Higino (*Astr. Poet.*, II, 17, 1-2) confirma a diversidade de lendas etiológicas associadas à génese da constelação do Golfinho. Refere o autor que, segundo Eratóstenes, Neptuno colocou no céu a imagem de um golfinho, em sinal de reconhecimento pelos serviços prestados por um dos emissários que enviou à procura de Anfitrite, sua noiva, quando esta, recusando o consórcio, se refugiou em casa de Atlas. Segundo Aglaóstenes, teria sido Baco o responsável pelo aparecimento da nova constelação, criando-a em memória de uma cena da sua infância. Ao viajar para Naxo com uns marinheiros tirrenos, o deus suspeitou de que eles pretendiam desviar a rota da nau e começou a entoar uma melodia: ao som da música, os homens puseram-se a dançar e caíram inadvertidamente ao mar, sendo convertidos em golfinhos. Para lembrar tal façanha, Baco depôs no firmamento a imagem de um dos marinheiros metamorfoseados.

Identificado pela *Suda* como um discípulo de Álcman, cujo *floruit* terá decorrido por volta da 38.^a olimpíada (628-625 a.C.), Aríon de Metimna foi, nas palavras de Heródoto (I, 23) “um citaredo não inferior a nenhum dos seus contemporâneos”. Em consonância com o grau superlativo que a lítotes sugere (pela negação do seu contrário), o antropónimo Aríon (etimologicamente relacionado com ἀρείων¹⁰ comparativo

⁹ Narrada por Higino (*Astr. Poet.*, II, 17, 1-2) e Manílio (*Astronomica*, 346-347) a propósito da constelação do Golfinho, esta lenda etiológica figura ainda num escólio aos *Phaenomena* de Arato (*Scholia in Aratum Vetera*, v. 318), embora o anotador acrescente que algumas fontes mencionam o golfinho de Aríon e que Hermipo, nos seus *Phaenomena*, associa esta constelação à imagem de Apolo conduzindo os Cretenses para Delfos, metamorfoseado em golfinho (C. MÜLLER, *Fragmenta Historicorum Graecorum*, Paris, Firmin-Didot, 1928, vol. III, p. 54).

¹⁰ Cf. W. PAPE, G. BENSELER, *Wörterbuch der Griechischen Eigennamen*, Graz, Akademische Druck – U. Verlagsanstalt, 1959, s. v. Ἀρείων; P. CHANTRAINE, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*, Paris, Klincksieck, 1999, s. u. ἀρείων.

de ἀγαθός) sublinha a grandeza de um homem cuja lenda enaltece a excelência do seu talento, convertendo-o em símbolo do poder da arte e da protecção que os deuses consagram aos seus eleitos.